

DIVERSIDADE SEXUAL: DISCUTIR OU NÃO NO ÂMBITO ESCOLAR?

Rayla do Nascimento Carvalho
carvalhon.rayla@gmail.com

Daniley Alves de Sousa
daniely.das@gmail.com

Orientadora: Dr^a Kelli Faustino do Nascimento
kellieduarda@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Resumo

Sendo a escola caracterizada como um espaço democrático, subentende-se que esta deve oportunizar a discussão de questões sociais e possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Porém, apesar disso, ainda existem temas que são evitados de serem discutidos nas escolas. O presente trabalho tem como principal objetivo analisar o papel da escola na abordagem de um desses temas "proibidos" como pauta de discussão: a diversidade sexual. O recorte teórico embasou-se nos estudos de BORTOLINI (2008), BAHIA e PEREIRA (2011), e JUNQUEIRA (2009), que se debruçaram na análise da discussão da diversidade sexual na escola, assim como a homofobia neste espaço. Os dados foram coletados através de entrevistas semiabertas com duas professoras e uma coordenadora de uma escola de grande porte, assim como duas professoras e uma coordenadora da escola de pequeno porte. Concluiu-se que apesar de não ser ainda um assunto tão discutido no espaço educacional, é notória a alteração na postura do corpo docente, visto que maioria das professoras foram a favor da discussão do tema na sala de aula. As profissionais entrevistadas concordaram que é na escola que diversos valores e conceitos são construídos, e que esta é, portanto, uma importante ferramenta na formação dos discentes como cidadãos.

Palavras-chave: Educação. Diversidade sexual. Homofobia.



ABSTRACT

Being the school characterized as a democratic space, it is understood as a place that should create opportunities to discuss social issues and enable students to development their critical thinking. However, there are still issues that schools avoid to discuss. This study aims to analyze the importance of the role of school in one of these "forbidden" topics as approach of discussions: sexual diversity. The theoretical framework was based on studies of BORTOLINI (2008), BAHIA and PEREIRA (2011), and JUNQUEIRA (2009), who focused their studies on sexual diversity and homophobia in schools. The data were collected through semi-open interviews with two teachers and a coordinator of a large school, as well as two teachers and a coordinator of a small school. It was concluded that despite not being an issue so discussed in the educational space, it is clear the change in posture of teachers, which most part of them were in favor of the discussion of the topic in the classroom. They all agreed that is inside of school that various values and concepts are built, and because of that, it is an important tool in the education of students as citizens.

Key-words: Education. Sexual diversity. Homophobia.

Introdução

A escola possui um papel fundamental na formação da sociedade, sendo um importante instrumento para a construção de valores e atitudes. Assim, ela deveria permitir ao discente um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, ao invés de propagar as discriminações e as práticas de desigualdades e de preconceitos. Dessa forma, o presente trabalho teve como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento crítico reflexivo em torno da questão da homofobia e da discussão da homossexualidade na escola, tendo como foco o papel da escola na formação humana, especialmente no ensino voltado para crianças, como também abordar a diversidade sexual como um importante tema a ser considerado no âmbito escolar. Pretendeu-se ainda refletir sobre o papel que deverá ser exercido pelo professor para desconstrução de preconceitos e tabus, contribuindo dessa maneira para melhorar as relações e a



qualidade da educação.

Classificada como um espaço democrático e laico, subentende-se que a escola deve oportunizar discussões de questões sociais que atendam às necessidades de todos os alunos e que discutam a diversidade em todos os seus aspectos - Cultural, Sexual, Étnico e Religioso-. Porém, apesar de apresentar-se fundamental na formação de alunos como cidadãos, sabe-se que a realidade do âmbito escolar é bastante diferente. Como explica JUNQUEIRA (2009, p. 14):

Ao longo de sua história, a escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos fortemente tributários de um conjunto dinâmico de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado “estranho”, “inferior”, “pecador”, “doente”, “pervertido”, “criminoso” ou “contagioso”) todos aqueles e aquelas que não se sintonizassem com o único componente valorizado pela heteronormatividade e pelos arsenais multifariamente a ela ligados – centrados no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”.

A compreensão das diferenças humanas e a apropriação de diversos conceitos sociais e culturais ocorrem inicialmente nas escolas, durante as interações entre os alunos e entre alunos e professores. Os alunos, principalmente nas séries iniciais, tendem a absorver os valores e conceitos do meio em que está inserido. Dessa forma, desde muito jovens, as crianças aprendem padrões fixos sobre o que é “correto” e ideal de acordo com a visão da sociedade.

A partir da observação da existência de um "modelo de padrão ideal", as crianças passam a discriminar até por desconhecer, crianças que possuem diferentes tipos de família ou que apresentam um comportamento diferente das demais. Por isso, a homofobia, que caracteriza-se como aversão ou medo de pessoas homossexuais, tem se tornado cada vez mais presente no âmbito escolar e acontece, na maior parte, por alunos



contra alunos, mas também pode advir de gerenciadores da escola ou até mesmo professores, que deveriam ser os mais preocupados em extinguir o preconceito na escola. Nesse sentido, JUNQUEIRA (2009, p.15) explica que, "ao invés disso, a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT.¹"

As instituições educacionais, especialmente as escolas infantis, são instituições fundamentais no desenvolvimento da autonomia pessoal humana e na compreensão do mundo. Sendo assim, estas deveriam criar condições para as crianças conhecerem e descobrirem um leque de diferentes valores, costumes e concepções culturais e sociais, ao invés de limitar-se a um conceito anteriormente estabelecido como padrão. A escola, enquanto instrumento educacional, pode ser o berço de onde provém atitudes e, conseqüentemente, mudanças. BAHIA e PEREIRA (2011, p.52), explica, então, que "a escola precisa contribuir com [o] movimento de emancipação humana da criança, de tornar a diversidade sexual algo discutido, conversado com tranquilidade, para que o ser humano possa relacionar-se melhor com ele próprio e com os outros."

O preconceito advindo de professores e gerenciadores da escola pode ser proveniente da falta de preparação acadêmica e do não conhecimento das diretrizes éticas adotadas pelo Estado para combater as discriminações sexuais e de gênero. Em boa parte das escolas, especialmente em escolas infantis de pequeno porte, os professores acabam envolvendo suas próprias crenças pessoais e religiosas, desconsiderando as diferenças do aluno e do âmbito social que estes irão frequentar.

Portanto, o professor deve possibilitar aos alunos debates e conhecimento sobre a diversidade sexual, independente de suas crenças e/ou religião. Enquanto o docente estiver no ambiente escolar, deve saber separar a sua própria personalidade e suas

¹ LGBT (ou LGBTTT) refere-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Travestis.



próprias crenças e adotar, então, uma postura profissional, de forma que nenhum aluno seja intimidado a mudar sua postura e sua personalidade devido a opressão da escola e/ou professor. BORTOLINI (2008) explica:

Obrigar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. E é sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade.

Sendo assim, a violência e a intolerância no âmbito escolar devem ser prevenidas, e isso só ocorrerá se houver um posicionamento do corpo docente. Sabe-se que o papel social que a escola possui vai muito além da transmissão de conteúdos para os alunos, interferindo direta e indiretamente na construção dos conceitos, valores e crenças dos discentes. Por isso, a cidadania deve ser desenvolvida no ambiente escolar de forma responsável, já que essa irá ultrapassar os muros da instituição e pode comprometer a personalidade adulta do aluno e do meio social em que este se inserir.

METODOLOGIA

As pesquisas ocorreram em duas escolas, sendo uma de grande e outra de pequeno porte, da cidade de Campina Grande, PB, e limitou-se a análise da abordagem do tema na educação infantil e fundamental I, já que é na infância que há a construção de diversos valores e conceitos. Os dados foram coletados através da utilização de entrevistas semiabertas, realizadas com professoras e coordenadoras. Dessa forma, foi possível analisar de forma qualitativa as opiniões de diversos profissionais do ambiente escolar.

RESULTADOS

A partir dos dados levantados acerca de algumas questões debatidas durante a pesquisa, chegamos a algumas conclusões sobre esse assunto nas escolas. As professoras e diretoras entrevistadas divergiram em alguns aspectos, porém também concordaram de forma unânime durante o debate de outras questões.

O tema diversidade sexual surgiu nas aulas de todas as professoras entrevistadas, porém por iniciativa dos alunos. Durante a discussão na sala de aula, as professoras perceberam que os alunos possuem notória aversão ao tema e a pessoas que possuem uma orientação sexual que não seja a heterossexualidade. Uma das professoras do fundamental I relatou que os alunos julgam a homossexualidade como algo "errado e imoral" e relatou que nunca abordou o tema diretamente na escola pois acredita que a escola, por ser uma escola tradicional, provavelmente não aprovaria.

Outro ponto em comum que observamos no relato das professoras e coordenadoras foi a ocorrência de bullying homofóbico no âmbito escolar. Todas presenciaram diversos comportamentos preconceituosos por parte dos alunos, tais como xingamentos, imitação e exclusão de determinado aluno das brincadeiras em grupo, devido a maneira que esse aluno andava, falava e até gesticulava.

Durante a entrevista, chamamos atenção das professoras para a importância de se trabalhar a diversidade sexual no espaço educacional como forma de redução da homofobia dentro e fora do âmbito escolar, de forma que os alunos tivessem contato com outra visão além da visão preconceituosa que, infelizmente, é comum no dia a dia deles. Apenas uma professora, de todas as entrevistadas, não concordou com o debate do assunto na sala de aula, alegando que não é necessário debater o tema com os alunos, já que "a opção sexual é uma escolha, assim como a profissão que o aluno terá. "

Essa professora foi a única que não concordou com a discussão do assunto com



os discentes, devido a valores religiosos pessoais. Apesar de outras professoras serem religiosas e não concordarem com a homossexualidade, elas relataram que é necessário discutir e fazer os alunos entenderem que é importante respeitar. Assim como os PCN's pontuam, "o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas" (BRASIL, 1998 p. 123). Os professores precisam ser conscientes que os alunos, principalmente as crianças, acabam absorvendo conceitos e crenças advindos de seus docentes. Se este expõe opiniões preconceituosas, sendo com piadas, nomes pejorativos, ou através de um discurso de ódio, influenciado ou não pela religião, os alunos podem vir a desenvolver, também, o mesmo discurso de ódio ou de intolerância. Outro ponto que é necessário lembrar é que os alunos durante a infância observam o professor como modelo.

As coordenadoras, para nossa surpresa, foram a favor da elaboração de um projeto na escola voltado para o tema. Uma das coordenadoras destacou que se o assunto fosse conversado na escola, os alunos provavelmente não seriam tão preconceituosos.

Porém, apesar de ambas as coordenadoras concordarem com a abordagem do tema na instituição, não há projetos nas escolas ou discussões voltados para o tema. Questionamos-nos sobre o porquê então, de não tomarem a iniciativa, já que ambas concordaram que é uma discussão positiva e necessária no espaço escolar. Mesmo sem o relato que a causa diretamente são os pais, ambas relataram que os pais não seriam a favor e que iriam na escola "tirar satisfações".

Concluimos, então, que preconceitos ainda existem nas escolas, e que as discussões ainda não são totalmente abertas pois o assunto ainda incomoda as famílias. Porém, também é necessário reconhecer que há esforços por parte do corpo docente, assim como mudanças da atitude da mesma. Apesar de ainda existir um bloqueio, já é possível notar que há um progresso na postura das instituições frente ao assunto.

CONCLUSÃO

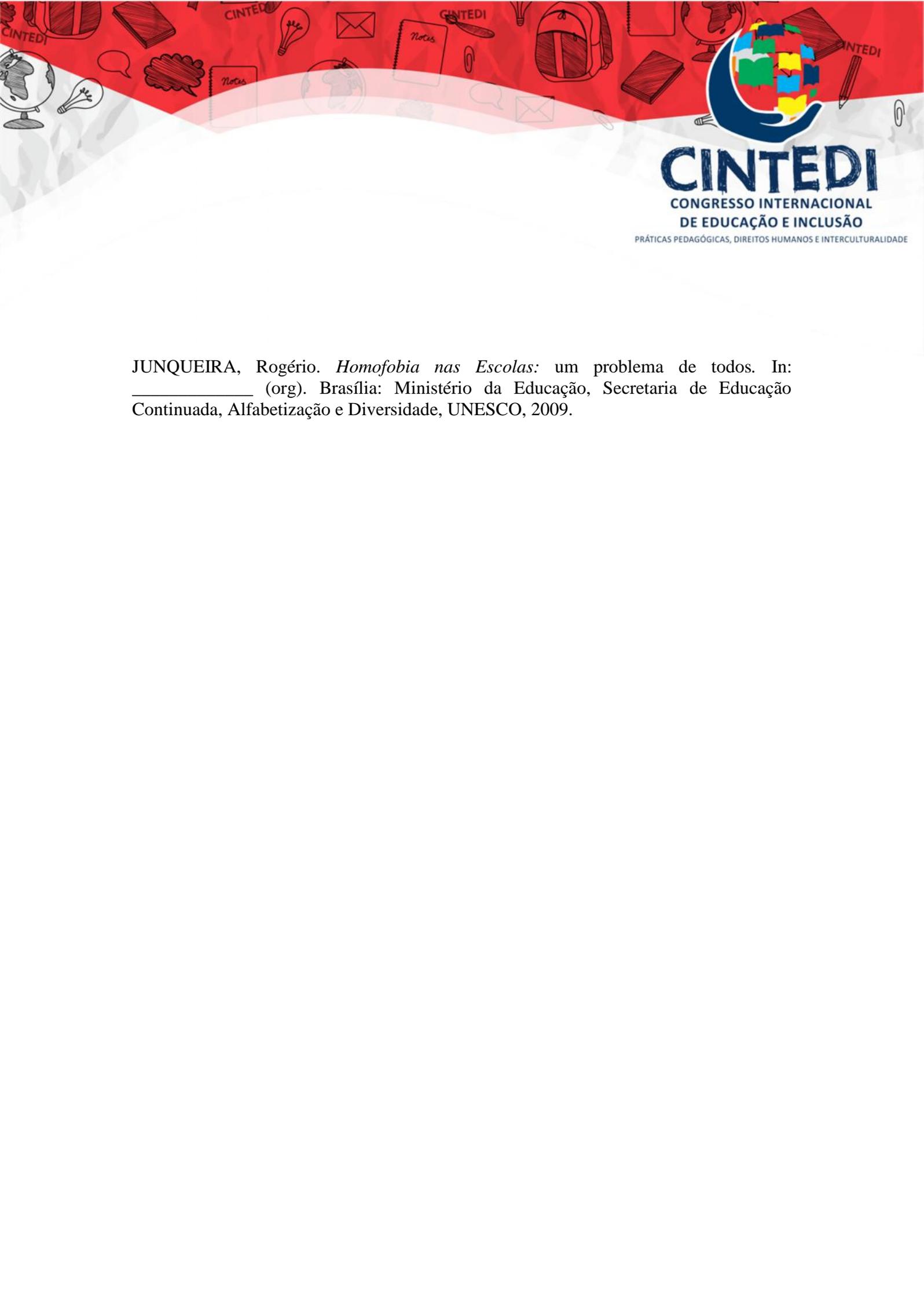
É notória a existência da homofobia nas escolas brasileiras, assim como a despreparação de professores e funcionários responsáveis pela escola para combatê-la. A prevenção do problema através da sua abordagem na sala de aula, além de incentivar a reflexão e, sobretudo, o diálogo, é a melhor alternativa para que haja diminuição, e posteriormente, um possível desaparecimento. Desde cedo, é necessário que o pensamento crítico dos alunos seja desenvolvido e que eles entendam a importância do respeito às diferenças do outro. Além disso, é ideal que haja preparação voltada para os professores e profissionais da área, que os auxilie a iniciarem as discussões sobre a diversidade sexual. Para evitar o constrangimento ou assédio por parte dos estudantes, a escola pode - e deve - falar aos jovens sobre a necessidade de respeitar as diferenças e fazê-los refletir sobre os comportamentos além do "comportamento padrão" imposto pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. PEREIRA, Graziela Raupp. *Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático*. Curitiba, Brasil: Educar em Revista, ed. UFPR, n. 39, pp. 51-71, 2011.

BORTOLINI, Alexandre. *Diversidade Sexual na Escola*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Orientação sexual*. Secretaria de educação, Brasília: MEC/SEF, 1998.



JUNQUEIRA, Rogério. *Homofobia nas Escolas: um problema de todos*. In: _____ (org). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.